

**Anna Elisa Jardanovsky
Fernanda Tieme Iwaya
Gabriele Tres Maniezo**

Diálogos com Aleppo

Copyright© 2015 by Anna Elisa Jardimovsky, Fernanda Tieme Iwaya e Gabriele Tres Maniezo

Publicado para a matéria de Redação Jornalista III do curso de Comunicação Social - Jornalismo, da Universidade Federal do Paraná (UFPR)

Título

Diálogos com Aleppo

Preparação

Gabriele Tres Maniezo

Revisão

Fernanda Tieme Iwaya

Diagramação

Anna Elisa Jardimovsky

Capa

Eduardo Lopes

Foto capa

Agência SANA

Impresso no Brasil - Print it

CIP - BRASIL. Catalogação na fonte

Sindicato Nacional dos Editores de Livro, Jornalismo UFPR

Jardimovsky, Anna Elisa ; Iwaya, Fernanda Tieme ; Maniezo, Gabriele Tres
Diálogos com Aleppo / Primeira e única edição

1. Livro-reportagem

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à

ANNA ELISA JARDIMOVSKY

FERNANDA TIEME IWAYA

GABRIELE TRES MANIEZO

Estudantes do 6º período de Comunicação Social - Jornalismo (UFPR)

Para todos os atingidos por conflitos

Anna Elisa Jardimovsky

Fernanda Tieme Iwaya

Gabriele Tres Maniezo

ÍNDICE

Prefácio

Parte I Sírio-brasileiro

1. Relações Síria-Brasil
2. Contexto atual da migração

Parte II Chegando ao Brasil

3. O sírio no Brasil
4. Família que ficou na Síria

Parte III Chegando à Síria

5. O brasileiro na Síria
6. Família que ficou no Brasil



Karim Hanna



Lúcia Loxca



Myria Tokmaji

Prefácio

Fome, superpopulação e guerras são alguns dos muitos motivos que levam um indivíduo a abandonar sua vida e história em um lugar. A migração sírio-brasileira não acontece por causas diferentes. Brasil e Síria mantêm laços históricos, ancorados na numerosa comunidade de origem síria estabelecida no país, estimada em torno de dois milhões e meio de pessoas.

Atualmente enfrentando uma grande crise migratória em meio aos conflitos entre opositores e aliados do presidente Bashar Al Assad, a Síria enfrenta situações extremamente complexas. São conflitos que se estendem ao longo de cinco anos. A origem da guerra foram os protestos de março de 2011, na cidade de Deraa seguidos da prisão e tortura de um dos jovens que manifestava. Com brigadas opositoristas lutando contra tropas governamentais pelo controle de

cidades, povoados e zonas rurais, a violência se estendeu até a capital, Damasco, e a segunda cidade mais importante do país, Aleppo, em 2012.

Agora, a questão vai muito além de ser contra ou favor de Assad. Adquiriu um tom sectário, em que a maioria sunita (que representam 16 milhões da população muçulmana) enfrenta a ala alauíta, que apoia o presidente. Sem falar nas intervenções de países vizinhos e dos poderes globais. Conhecida por sua tolerância, a Síria permite que seus habitantes sigam outras religiões que não sejam o Islã. Há, por exemplo, cidades em que a maioria é cristã, como acontece em Khabab. Apesar de ser um país de cultura árabe, o país é um dos berços do cristianismo, com cerca de 10% da população cristã.

Segundo dados da ONU, os confrontos sírios contabilizam pelo menos 250 mil mortos e mais de quatro milhões de refugiados, em um dos maiores êxodos da história recente. Países como Líbano, Jordânia e Turquia tiveram de assumir a pior parte da crise de refugiados, lutando para acomodar todos. Já o Brasil passou a ser o país que mais recebe sírios na América Latina. Segundo dados do Ministério da Justiça,

2.097 refugiados sírios vivem no país atualmente, o maior grupo.

Mas, sem falar o português e em meio à crise econômica, muitos não conseguem emprego, mesmo com qualificações. O governo brasileiro, diferentemente de outros países, não tem um programa específico apenas para refugiados que ofereça diretamente ajuda financeira. Karim, Myria e Lucia são três exemplos de toda uma população. Carregando as bagagens nas mãos e as memórias na cabeça, deixaram suas casas, universidades e famílias para chegar ao Brasil.

O capítulo em questão tem a intenção de mostrar a realidade do migrante sírio que chega ao nosso país através das histórias de vida dessas três famílias que abriram suas casas para relatar como foi chegar aqui e como tem sido a vida nova. Como reconstruíram suas vidas em países aparentemente tão distintos? Quais foram suas primeiras impressões? Quais são seus anseios, sonhos e aspirações para o futuro?



Parte II
Chegando ao Brasil

3. O sírio no Brasil

Quatro primaveras depois da Primavera Árabe e o verão ainda não chegou à Síria. Longe do que aconteceu em países como Tunísia, Líbia e Egito, em que as reivindicações populares levaram a deposição dos chefes de Estado, a Síria ainda está em guerra. 19 de julho de 2012. O que nos livros de história chamaremos daqui alguns anos de “Batalha de Aleppo” tem cheiro, cor e textura para os sírios. Segunda maior cidade do país em questões de população e importância econômica, hoje a cidade está cinza, esfarelada e cheira a pólvora.

Karim Hanna tem 28 anos e nasceu na cidade, em uma família não tão rica, não tão pobre. Alto, corpulento e com uma barba de, no mínimo, dez centímetros a baixo do queixo, Karim se apressa em explicar: “Não sou terrorista gente, só tenho essa barba aqui no Brasil”. De fala agitada e muitas vezes provocativa, se alegra ao lembrar a vida antes de tudo. “Boa demais”. Nascido e criado em família e bairro cristão, Karim teve a primeira grande decisão de sua vida aos

nove anos: parar de ir à igreja dos pais. Ao longo da infância e adolescência passou por fases de rebeldia e desentendimentos. Mandado várias vezes para fora de casa, não estudava e nem trabalhava com os pais, donos de uma pequena fábrica de confecção de calça jeans femininas. Também possuíam duas terras de plantação de oliveiras, onde a família ajudava a dar volume às mais de 200 mil toneladas de azeite sírio produzidas anualmente, mas antes da guerra. De temperamento explosivo, Karim ganhava seu dinheiro jogando poker, passava quase dez horas jogando, fumando maconha e bebendo. Homem de festas, Karim conhecia um lado de Aleppo que está fora dos holofotes. “Eu já acordava com cigarro na boca”.

Aleppo, que já chegou a ter mais de cinco milhões de habitantes, é também cidade natal de Myria Tokmaji, de 22 anos. Cristã, frequentava com a família a 1ª Igreja Diantakya, onde todo mundo ora no aramaico, “a língua de Jesus”. De cabelos longos e levemente enrolados, Myria tem uma voz doce que torna o sotaque de mistura árabe e português encantador. Na casa recém-alugada, ainda com caixas para desfazer, usa chinelos de dormir com meias rosa. É apaixonada por arte e pela cultura viva. É formada em Comunicação Visual, habilitada em Design Gráfico, na Universidade de Aleppo. Com um nível de vida muito mais relaxado, Myria vivia com a família no prédio que seu pai

construiu. Musicista desde os oito anos, toca um *qanun*, instrumento tradicional da música árabe com 80 cordas que, aos trancos e barrancos, conseguiu trazer até o Brasil. Seu irmão, Abed, toca o alaúde também desde criança e se casou com uma mulher que adora cantar. “Fizemos uma mini banda”.

A cantora é Lucia Loxca, que nasceu no Kuwait, país de independência recente. Com a quinta maior reserva de petróleo do mundo, o território é menor que o menor estado brasileiro, Sergipe. Lucia, com cabelos negros e compridos e olhos castanhos amendoados, é uma mulher de 25 anos que transmite delicadeza e aquela alegria contagiante ao conversar. No pequeno apartamento emprestado, os móveis são poucos, mas as fotos do casamento são muitas. Lucia terminou o colégio e se mudou para Síria aos 20 anos, para estudar Arquitetura também na Universidade de Aleppo. Todos, inclusive a futura arquiteta, acompanharam pela televisão o início das manifestações em Daara e presenciaram, de perto, a destruição de Aleppo.

Em 2010, quase um ano antes das manifestações contra o governo do presidente Bashar Al Assad, Karim entrou para o Serviço Militar Obrigatório. Foi preso três vezes por desrespeitar seu superior. Com o início dos conflitos, Karim serviu na costa síria, em Latakia. Sua tarefa era derrubar aviões inimigos. “Mas nunca derrubei”, se apressa

em explicar que nunca matou. Ele ficou dois anos no exército, um ano a mais do que era obrigatório antes da guerra. Ao retornar para casa, os conflitos ainda não tinham chego à cidade natal. Mas em julho de 2012 iniciaram-se os pequenos conflitos. Em 2013, Aleppo sucumbiu.

“E a gente ainda pensava que com o povo de Aleppo não ia acontecer nada”, relembra Myria. Por mais de seis meses, ela viveu completamente no escuro, dentro de um quarto, no fundo do apartamento do último andar. “Achamos que era mais seguro, mas na verdade não tinha nenhum lugar seguro, nem em casa, nem na faculdade, em nenhum lugar”. O cenário é difícil de descrever. Prédios que tombam, famílias que se perdem. Sem eletricidade, sem água, sem comida e sem gás. Só ar. “Ar com cheiro de bomba”.

Lucia, talvez por ser estrangeira, consegue visualizar muito lucidamente a situação toda. “Eles começaram pelos lados, até chegar ao meio da cidade. Conheço muitas pessoas que não comem e não bebem para não ter que ir ao banheiro, para não precisar sair de onde estão”. É tudo extremamente perigoso para qualquer um, as pessoas podem se deparar com o fogo cruzado a caminho da padaria, ou mesmo trancadas no fundo do quarto mais escondido da casa. Algumas pessoas

simplesmente não saem. “Ficam em casa sem fazer nada, não dá pra viver assim”.

Myria compartilha do mesmo sentimento de insegurança e impotência. “É tipo estar morta, mas respirando ainda”. Trancada sem poder fazer nada além de estar ali, respirando. “Muita dor, muita dor, era o que eu conseguia sentir”. Às vezes o silêncio diz muito. Um dia, Myria acordou e viu uma coisa diferente. “Acordei e vi aquele cogumelo onde era a faculdade”. “Você tá viva? Tô viva”, era assim que sempre começavam e ainda começam as conversas com os amigos. Difícil de contar tudo, mais difícil ainda de ouvir.

Todos que puderam, saíram. O mais rápido que puderam. Sem perspectiva alguma de paz, a população vê sua igreja, a casa do vizinho, o antigo colégios e o restaurante preferido sendo destruídos. Toda uma vida e toda uma história apagadas da realidade, quase com a mesma facilidade com que excluimos itens de uma foto pelo Photoshop. Ir embora é sempre uma escolha difícil. Mas em situações como essa, ficar é impossível. Sair como, para onde, com que dinheiro, com ajuda de quem?

Karim entende a grandiosidade e gravidade da guerra. “É como ficar esperando o sol nascer de novo, mas não tem como”. Muitos amigos que saíram, muitos amigos que morreram. Em uma de suas inúmeras histórias

aterrorizantes, ele jogava baralho com um amigo que ainda servia no Exército. “Era noite, fui para casa e ele para o quartel. No outro dia, meu irmão me acorda: ‘Karim, seu amigo morreu’. Eu não acreditei. Fui para rua, liguei para ele, mas nunca mais consegui contato. Foi horrível”.

Myria se formou na faculdade e logo a guerra começou na cidade. Com o sonho de continuar estudando e fazer mestrado na Itália, Myria estava atrás da documentação necessária quando tudo parou. “Parou meu sonho”. Toda sua documentação foi recebida com ajuda de alguns parentes que viviam na Itália, donos de uma gráfica, mas a embaixada insistia em não aceitar ela no país. Durante angustiantes três meses de espera, Myria começou a dar aulas de danças latinas e pintura para crianças no centro de esportes, comida orgânica e artesanato da mãe Zuka. O centro era ao lado da joalheria de seu pai Botoro, e os dois ficavam embaixo do prédio em que moravam. “O que lembro até agora é o medo das crianças da guerra”. Levadas em taxis pelas mães, atravessavam o centro da cidade, não mais ao som de buzinas, mas ao som de bombas. “Ai professora, passaram duas perto de mim”. Myria, tão assustada quanto, tentava amenizar a situação. “A gente começava a dançar e pintar e esquecia a guerra lá fora”. Até que algo os puxasse de volta a realidade, como a lateral toda de vidro do centro que tremia a cada bombardeio.

Enquanto Myria dava aulas, Lucia tentava ter as suas. Quando tudo começou em Aleppo, a futura arquiteta cursava o segundo ano na Universidade e presenciava todas aquelas formas arquitetônicas morrendo a sua volta. A cidade teve histórica relevância por conta de sua localização, no fim da Rota da Seda asiática que cruzava a Ásia Central e a Mesopotâmia. Assim, a guerra destruiu cultura de vidas, vidas e vidas atrás. Não apenas a vida de duas gerações como as de Lucia, Myria, Karim e de seus pais. A guerra também destruiu a história e a cultura de seus avós, dos avós dos seus avós e dos avós dos avós dos seus avós. Voltou para Kuwait e ficou com seus pais. Seu namorado na época, Abed ficou na Síria com a família. “Por seis meses não conseguimos falar. Fiquei sem saber dele, se algo tinha acontecido, se ainda estava vivo”. Lucia perdeu peso, ganhou rugas. Até que, com ajuda de seu pai, trouxe Abed para perto e se casou com ele em Latakia. “A gente não podia casar em Aleppo, porque não tinha caminho para entrar, meus sogros até viajaram para lá, mas por um caminho bem perigoso”. Depois, foram para o Líbano pedir visto.

Em 2013, a família de Karim perdeu as terras. Seu irmão estava lá quando os rebeldes chegaram. “Olhei para janela e vi barbudos armados rodeando a casa”. Um amigo

chegou. “Vamos fugir, vamos fugir”. Mas eram poucos carros, e muita gente. O irmão permaneceu por três longos dias no subsolo de uma igreja, com mais vinte pessoas entre idosos, mulheres e crianças. Foi a gota d’água. A família decidiu deixar a cidade. “Meu pai chorava todos os dias quando chegamos aqui, ter que começar do zero na idade dele é muito difícil”. Ainda hoje, o pai não gosta de ver os jornais internacionais. A mãe diz não se importar tanto. Ela só quer os filhos salvos. Seja onde for. Sem ter quatorze mil euros para cada uma das 7 pessoas da família Hanna, necessários para ir à Europa, decidiram pelo Brasil. Descobriram o Centro de Apoio a Estrangeiros do Brasil (Caeb), e é com a ajuda deles e da Missão Mais no Mundo, que a família está morando em uma casa grande sem precisar pagar aluguel. O projeto já trouxe mais de 200 sírios em situação de risco na guerra. Quase metade vive na região metropolitana de Curitiba. Era dezembro de 2013 quando chegaram. A família passaria seu primeiro Natal com muito calor. Trouxe consigo apenas duas malas pequenas. Com o que? “Só trouxe minhas granadas”, descontrai Karim com um jeitinho brasileiro.

Quando a guerra chegou, Zaki Minas, primo de Myria, tinha acabado de terminar o serviço militar. Ele foi o primeiro da família a realmente tomar a decisão de sair, porque sabia que se ficasse teria que voltar para o exército. Veio para o Brasil e chamou a prima. Mas diferente dele, o país não foi

nem de perto a primeira opção de fuga da musicista designer. “Quero Itália! Quero Itália!”. Mas percebendo que era ou Brasil ou Aleppo, Myria aceitou. “Eu pensei: não quero ficar dez anos esperando a guerra acabar, vai acabar minha vida também”. Como um espasmo, resolveu mandar os documentos. Em uma semana, chegou o visto para o Brasil. “Mamãe, tô indo!”. A primeira aventura foi então conseguir sair da cidade, o que deu certo quase com o prazo final do visto. Mas no momento em que conseguiu sair, sabia que já não tinha mais volta.

Praticamente desamparados pelas políticas públicas brasileiras, os refugiados sírios sofrem principalmente com o idioma e com a falta de auxílio financeiro. Vendem suas casas e tudo o que tem na Síria para pagar as passagens. Ao chegarem, ficam a mercê de quem as vezes sabe abusar da dificuldade alheia. Karim e sua família tiveram a sorte de ser recebido pelas pessoas da Primeira Igreja Batista. Primeiro, ficaram em Vitória (ES), seguido de São José do Rio Preto (SP) e enfim Curitiba (PR). Para ele, o povo brasileiro é muito amigável e aberto. O curitibano, nem tanto.

Myria já não teve tanta sorte. Apesar de seu primo que já estava aqui ter ajudado a alugar uma casa, sem fiador, precisaram pagar dez mil reais para garantir. “A primeira palavra que aprendi aqui foi ‘água’, porque eu precisava limpar a casa que aluguei, estava muito suja”. Todos se

surpreenderam com os preços absurdos. Mas o pior era o medo de estar sendo enganada. “Não sabemos se o preço era o que valia, muito desespero”. Mimada na Síria, de repente Myria se viu com a responsabilidade de tomar as rédeas da vida de toda a família. Logo em sua primeira semana em Curitiba, foi ao Centro de Línguas e Interculturalidades (Celin) da Universidade Federal do Paraná (UFPR) para pedir ajuda, oferecendo em troca do curso de português, seus trabalhos com design. Eles aceitaram. “Eu pedi, ‘por favor, tenho mais 16 pessoas em casa ainda’”. Mas só Myria teve acesso às classes. Sua primeira pergunta foi “what is the meaning of ‘eu’?”.

Recém-casados, Lucia e Abed compraram suas passagens, foram para Abudabi, São Paulo e depois desembarcaram em Curitiba. Assustados com a língua, Lucia conta que no aeroporto pensou que as pessoas estavam falando algo parecido com japonês. Chegaram a noite, e mal se via pela janela do avião o país que se tornaria seu novo lar. Logo em sua primeira impressão, descobriu o que enfrentaria em todos os seus dias de curitibana: “Estava nublado há uma semana mais ou menos. Falei pros meus pais: aqui não tem sol!”. Com muita dificuldade para se comunicar, o casal chegou em novembro de 2013 e teve um Natal difícil. “Sem entender nada da língua, sem trabalho, sem estudo”.

Em Curitiba, Karim está retomando os passos que deixou para trás na Síria. Sem ter terminado o Ensino Médio, agora estuda no Instituto de Educação do Paraná Erasmo Pilotto (IEPPEP). “Todo mundo pensa que sou o professor. Quando quero falar, todo mundo dá risada, me sacaneia. Mas tudo bem, tô aprendendo. Todo brasileiro é assim, fazer o que”. Ele salienta que se surpreende com a vida escolar brasileira e com adolescentes querendo zoar com os professores mais velhos. “Na Síria isso é impossível, impensável”.

Enquanto Karim busca seu diploma de Ensino Médio, Lucia se esforça para conseguir terminar a faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Como continuar o curso? Todos aconselharam não tentar a UFPR. Não deixariam. Pois “nem mesmo brasileiros conseguem entrar!”. “Não tenta pra não perder muito tempo”, ouviu. Na Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR) também não teve êxito. Sem falar a língua já era impossível. E, mesmo se falasse, teria que pagar um dinheiro que não tinha. “Larguei. Pensei que não ia estudar”. Mas um dia, caminhando com seu marido, surgiu uma pulga atrás da orelha. Caminhando pelos frios corredores da Universidade, Lucia chegou ao coordenador com a cara e a coragem e conversaram, em inglês. Explicou

tudo e pediu para continuar o curso ali. Em uma semana, ele ligou. Ela nem sabia, mas por sua perseverança, a lei de incentivo ao acesso à educação para refugiados na Universidade começou a valer de verdade. Emocionada, talvez Lucia não entenda exatamente o grau de importância do que fez para o futuro de tantos outros que estão recomeçando suas vidas, assim como ela. “O refugiado que quer estudar, agora pode”.

No começo, seus colegas traduziam palavra por palavra das aulas. E eles foram grandes responsáveis pelo sorriso que Lucia hoje carrega no rosto quando fala sobre a faculdade. “Depois eu traduzia pra árabe para entender melhor”. No começo foi difícil e pensou em desistir. Mas seu marido, com muita paciência, lhe mostrava o quanto era bom e importante que ela seguisse firme com o curso. Ainda passa por situações em que grupos de amigos falam rápido demais, ou riem de coisas que ela não entendeu. “Fico muito triste quando tenho que pedir para pararem a conversa e traduzirem para mim”. Lucia ainda encontra um tempinho para estagiar.

Jovem, empolgada e recém-formada, Myria chegou ávida para trabalhar, mas não aceitavam contratá-la sem o português na ponta da língua. Enquanto estudava dia e noite, começou a vender artesanatos de crochê e acessórios na Igreja que frequenta. Myria saiu da casa em que dividia com os tios para morar em um pensionato e desenvolver de uma vez por todas a língua. Sempre entusiasmada com a arte e

envolvida com design, Myria começou a confeccionar acessórios e joias com “pedras verdadeiras” e pérolas, trabalhou por três meses com isso. Também dava aulas de inglês à noite em uma escola de línguas. Esperançosa em ainda conseguir trabalhar na área de sua profissão, enviou currículos a agências. Até que conseguiu a vaga da Agência Casa. “Eles acharam muito bom me receber e tinham vaga de diretora de arte. Eu fiquei emocionada”. Além de grandes amigos, aprendeu mais ainda precisando desenvolver *jobs* em português. Mas em maio de 2015, foi demitida com dezenas de colegas. “Todo mundo ficou em pé e saiu andando, bem simples assim. Foi muito chocante, muito triste”. Mas parece que nada ofusca Myria. Como uma garota espuleta, visita todos os lugares culturais da cidade. “Ando muito para fazer contatos. Começar do zero, sem ter amigo de amigo para ajudar, não é fácil”. Fruto de seus contatos e mais contatos, a designer conseguiu um trabalho exatamente na sua área de atuação, mais criativo e que se desenvolveu bem mais suas habilidades, na Agência Inovatório. Myria estampa o maior sorriso quando fala sobre o novo emprego.

Entre tantos abismos culturais, Karim se surpreendeu com a mulher brasileira. “Lá são mais bonitas. Não..... tô brincando! Aqui, eles dão mais liberdade. Mulher brasileira apaixonada na primeira hora. Na Síria elas são mais

orgulhosas”. Cresceu em uma sociedade ainda mais patriarcal e machista do que a brasileira. “Homem chega na casa, e mulher é tipo escrava pra ele. Só lembra dela quando vai pra cama”. Assim, Karim resume com poucas palavras toda uma luta histórica. Outra coisa que lhe surpreendeu foi a quantidade de homossexuais. “Na Síria tem muitos viados, muitas lésbicas, mas tudo segredo. Não tem essa liberdade pra falar ‘sou gay’ sabe? Eu não gosto desses negócios do Brasil. Desculpa gente, não sou preconceituoso. Não sei, vocês concordam com essa cultura? Transsexuais... Prostitutas... Cara, rapaz... Pelo amor de Deus. Nas ruas, peladas. Não tem na Síria, impossível. Ficar assim na rua, pelada. É muito errado.”

Myria sente falta de muitos hábitos comportamentais e sociais. “Lá, todo mundo mora junto, as famílias são muito mais unidas, é um relacionamento muito forte, outro ambiente”. Ela estranha que aqui cada membro da família tem sua própria vida. Mas gesticula para enfatizar que “na Europa, pior ainda, ninguém sabe quem é o vizinho”. Encanta-se pela multiculturalidade brasileira, pela diversidade de pensamentos e pela liberdade para se expressar. “Todo mundo respeita o outro. Eu sou estrangeira e ninguém está me ofendendo aqui, igual acontece em tantos outros lugares por aí”. Também adora o fato de que cada região do Brasil tem sua comida, cultura e jeito próprio de

falar o português. Mas agradece por pelo menos falarmos uma língua única ao longo de toda a extensão do país. “Em nosso bairro de Aleppo, falam árabe e aramaico, logo ao lado estão os curdos, que falam curdo e armênio... Cada bairro é muito antigo, tem muita história”. Myria ainda explica que a vida de cada um acontece dentro do bairro: escola, mercado, trabalho... Por isso não entende porque muitas vezes o brasileiro gasta tanto tempo atravessando a cidade para trabalhar e estudar.

Myria não gosta que aqui exista uma segregação tão forte das igrejas. Antes da guerra, Aleppo tinha um dia mágico, um dia encantador. Uma noite em que todas as igrejas ficavam abertas 24 horas. Pessoas de todas as idades e religiões saíam às ruas e caminhavam, iluminadas apenas pelas velas nas mãos. “Cada um visita pelo menos sete igrejas, de qualquer religião”. Com ar nostálgico e voz embarganhada, Myria confessa sentir falta disso. Sente falta da cidade. Da vida antes de tudo.

Karim encontra seu refúgio na comida brasileira: churrasco e feijoada. “Engordei 15kg”. Refeição na Síria é diferente, ele explica. Todos tomam um longo e farto café de manhã. “Tem ovo, tem queijo, azeitona, azeitona preta, zatar, azeite. Uma mesa enorme. Tem chá, tem leite, tem café. Você come sossegado”. O almoço é mais tarde. O que conhecemos como comida árabe, não chega nem aos pés. Além do tempero diferente, também a carne e o trigo tem um outro sabor. “Aqui

tem dois tipos de kibe, lá tem mais de vinte”. “É difícil, porque a comida árabe é muito mais rica, tem muitas variações, não se come todo dia feijão e arroz”, completa Lúcia. Mas para ela, isso não é problema. Sua última preocupação do dia é com a comida. “Dá para viver assim”. O ser humano se adapta e se molda, se adequa, se renova. Essa é a graça da vida.

Karim hoje atua ajudando outros sírios a chegarem ao Brasil, o que para ele é reconfortante. “Eu ajudo pelo amor por Deus. Eu passei por isso e sei como funciona. Eles ficam nesse desespero, não tem vontade de falar. Quando eu cheguei, nem pensei em nada disso. Eu só me virei, zuei, brinquei, falei errado”. Em meio a casos e causos, Karim cita algumas situações divertidas. “Pudim é mesmo bom com leite de côco, cocô... Ah, sei lá agora como foi que falei”. E mais uma vez a língua portuguesa pregou uma peça. Termina o colégio em 2015 e planeja fazer faculdade: Teologia, Química ou Letras, quem sabe. Em fevereiro de 2016 termina seu trabalho como missionário. Karim é categórico quando diz que olha para trás com orgulho, mas sem esperança de um dia voltar. “Não vai ter paz na Síria tão cedo. Voltar pra quê, pra começar tudo de novo? Vou voltar e ficar em hotel?”. Na verdade, nunca se sentiu realmente fora de seu país. “Povo brasileiro, sei lá, adora o povo árabe, o porquê eu não sei”.

Para ele, a fé e as companhias que a igreja lhe proporcionou foram fundamentais para seguir em frente. “Quando a palavra de Deus entra no seu coração, ela não volta vazia. Você tem felicidade e tem paz. Mesmo sem nada, você ainda tem isso”.

Apesar das dificuldades, Lucia se identificou com o povo brasileiro, que sempre estava pronto para ajudar. Myria concorda. “Sem o povo, no Brasil, não conseguiríamos sobreviver”. Conhecido pela falta de empatia, o curitibano foi sempre amigável e não hesitou quando a missão era ajudar. As cunhadas logo perceberam o quanto o brasileiro gosta da comida árabe e o quão longe da verdadeira comida árabe são as que vendem aqui. Juntas com Zuka e Boroto, começaram a colocar a mão na massa. Literalmente. O insight veio quando Myria estava no Teatro Positivo, em uma exposição de artesanato e patchwork. “Todas eram mulheres. Todas tinham a idade da minha mãe. Todas trabalhando!”. No dia seguinte, arrastou sua mãe para conhecer o ambiente. “Tem vida? Tem que fazer amigos!”. Inspiradora, Myria mostrou para a mãe que existe, e muita, vida do lado de fora de casa e da depressão. Plantaram as raízes do Yasmin Comida Árabe. Hoje, todos os finais de semana, a família se reúne e participa de eventos privados, bazares e feiras gastronômicas. “Às vezes tenho que decidir em qual evento vamos”. Assim, a família Tokmaji apresenta a verdadeira comida típica árabe, feita em

casa e com muito amor, para o brasileiro. Talvez, uma forma de retribuição.

Este livro se trata de histórias de pessoas conectadas com um maiores conflitos que o oriente médio e o mundo já viram: a guerra entre opositores e aliados do presidente sírio Bashar Al Assad. A Síria enfrenta hoje uma grande crise migratória, e a cidade de Aleppo é uma das mais afetadas. Conheça em *Diálogos com Aleppo* a realidade de quem viveu a guerra, e hoje reconstrói do zero uma nova vida no Brasil.